

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Licenciatura em História



Trabalho de Conclusão de Curso

**A representação dos personagens negros nos *Contos Gauchescos* de
Simões Lopes Neto**

Kauane Vieira Motta

Pelotas, 2022

Kauane Vieira Motta

**A representação dos personagens negros nos *Contos Gauchescos* de
Simões Lopes Neto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Ciências Humanas da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em História.

Orientador: Jonas Vargas

Pelotas, 2022

Agradecimentos

Aqui vai meu agradecimento a todos os envolvidos neste percurso de graduação, que por vezes foi difícil e sem o apoio talvez não tivesse se tornado possível o sonho da tão esperada segunda graduação, que por vezes achei que não conseguiria terminar, conciliando o serviço e mais os estudos em meio a uma pandemia. Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por ter chegado até aqui e sempre ter iluminado a minha vida para os melhores caminhos.

Agradecer também todos os meus professores que sempre tentaram nos ensinar da melhor forma, nestes anos conturbados de ensino remoto. Meus agradecimentos especiais vão para o professor e meu orientador Jonas Vargas por ter sempre se dedicado com minha pesquisa, dando atenção e sempre dando aquela palavra de consolo para que eu ficasse calma e manter o foco nesta reta final.

Minha família que foi extremamente importante ao longo desses quatro anos de faculdade, foi à base e o alicerce para que tudo desse certo. Minha dinda Arlete Xavier e meu pai Pedro Luís Motta que sempre se esforçaram pra que eu conseguisse concluir minha graduação, minhas tias Arlene Xavier e Dinair Vieira que sempre estiveram do meu lado e meus primos Juliano Xavier e Junior Xavier que desenvolveram o papel de irmão sempre me apoiando e torcendo por mim.

Resumo

MOTTA, Kauane Vieira. **A representação dos personagens negros nos Contos Gauchescos de Simões Lopes Neto**. 2022. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2022

O presente trabalho propõe a análise da representação dos personagens negros nos Contos Gauchescos de Simões Lopes Neto. Através da literatura sobre a obra do autor, podemos analisar as representações de uma sociedade racista, no entanto, a literatura é uma das maneiras de se buscar analisar essas representações do passado. Logo, durante o estudo foi possível compreender que a literatura da época aqui descrita demonstra através dos seus personagens, que a sociedade relatada nos contos, tratava-se de uma cultura racista; a inferioridade do negro e a exploração eram situações que se acometiam significativamente naquela época. Portanto, acredita-se que através que literatura, dos contos Gauchescos de Simões Lopes Neto, seja capaz de desenvolver o nosso senso crítico, pois mesmo na leitura silenciosa, levantamos discussões mentais sobre um aspecto, enfrentamos dilemas morais, ampliamos nossos conhecimentos e opiniões sobre alguma situação ou tema. Por isso, a literatura de contos se torna imprescindível entre leitores e dentro do currículo didático de ensino e aprendizagem.

Abstract

MOTTA, Kauane Vieira. **The representation of black characters in Simões Lopes Neto's Gauchescos tales.** 2022. 33f. Course Conclusion Paper – History Graduation Course, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas. Pelotas. 2022

The present work proposes the analysis of the representation of black characters in Contos Gauchescos by Simões Lopes Neto. Through the literature about the author's work, we can analyze the representations of a racist society, however, literature is one of the ways to analyze these representations of the past. Therefore, during the study it was possible to understand that the literature of the time described here demonstrates through its characters, that the society reported in the stories was a racist culture; the inferiority of the black man and the exploitation were situations that were significantly present at that time. Therefore, it is believed that through literature, Simões Lopes Neto's Gauchescos tales are able to develop our critical sense, because even in silent reading, we raise mental discussions about an aspect, we face moral dilemmas, we expand our knowledge and opinions about some situation or theme. Therefore, short story literature becomes indispensable among readers and within the didactic curriculum for teaching and learning.

Sumário

Introdução.....	06
1. Uma breve biografia do autor João Simões Lopes Neto.....	08
1.1 Sobre a obra “Os Contos Gauchescos e Lendas do Sul”	13
2. A presença dos personagens negros na obra Simoniana.....	16
2.1 O negro na obra “Lendas do Sul”.....	19
2.2 Os negros dos Contos Gauchescos.....	21
Conclusão.....	27
Referências.....	30

Introdução

O gaúcho é definido pela literatura como um indivíduo altivo, irreverente e guerreiro. Às suas raízes, somaram-se as culturas alemãs, italiana, portuguesa e de tantos outros povos que vieram construir, no Rio Grande do Sul, uma vida melhor (FRASSON, 2010).

A relação entre literatura e história é próxima e ao mesmo tempo distante do que precisa ser compreendido, pois existem informações da história que a literatura não possibilita que tenhamos maior conhecimento. Simões Lopes Neto, era de Pelotas cidade com muitos escravos, logo, é possível encontrar muitos negros, cativos e livres representados em alguns dos seus contos, evidenciando que através da literatura, podemos buscar e analisar as representações de uma sociedade racista (ZALLA, 2018).

Nos Contos Gauchescos podemos identificar uma variação de tempo na vida de Simões Lopes Neto, vivendo na estância dos avós, onde acompanhou o crescimento das charqueadas até seu declínio (ZALLA, 2018). Nesta mesma obra, se observa os momentos na infância do autor, as situações acometidas nas charqueadas, a forma como os escravos eram tratados, representando o total racismo. O machismo e os casamentos arrumados pelas famílias e entre as famílias de posse, também influenciaram a escrita da obra, suas vivências e experiências, bem como a atuação das tradições gaúchas (SILVA, 2022)

É possível dizer que não se vive do passado, se vive do presente e do futuro. Porém, para se compreender as transformações pelas quais a cultura de um povo tem passado no decorrer dos tempos, se faz necessário conhecer como era antes no início de sua construção (SILVA, 2022). Há de se estabelecer parâmetros para poder definir em que aspectos a cultura foi transformada e em que grau. Resultado da miscigenação entre o índio, negro, espanhóis, portugueses e o gaúcho, por viver no campo cuidando do gado, adquiriu habilidades de cavaleiro, manejador do laço e da boleadeira, aspectos que perfizeram (ZALLA, 2018).

Neste presente trabalho, realizaremos a análise da representação dos personagens negros nos Contos Gauchescos, sendo dividido em quatro capítulos, entre eles: introdução, vida e obra de João Simões Lopes Neto, a presença dos personagens negros na obra de “Simoniana” e conclusões.

A sociedade da época era racista, logo, assim como hoje em dia a literatura é uma das maneiras de se buscar analisar essas representações do passado. Acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir valorosamente no conhecimento de muitos autores, pesquisadores e estudantes da área, possibilitando conhecer através da literatura o nosso passado, buscando informações e representações da nossa história.

1. Uma breve biografia do autor João Simões Lopes Neto

João Simões Lopes Neto ainda é pouco conhecido no nosso país, vindo a ser um pouco mais conhecido no estado do Rio Grande do Sul. Ainda assim são poucos os interessados a pesquisar a literatura do autor João Simões Lopes Neto, sendo tal fato relatado pela autora Lígia Chiappini (2012), uma das pesquisadoras das obras deste autor. A pouca procura pelas lendas e contos gauchescos podem ocorrer pela escrita do autor ser voltada quase que totalmente para a região sul do Brasil, mas especificamente para o Rio Grande do Sul e a cidade de Pelotas.

Local este onde o autor nasceu, em 9 março de 1865, na estância da Graça, de propriedade do seu avô paterno João Simões Lopes Filho, conhecido como Visconde da Graça. O autor era filho de Catão Bonifácio Lopes e Teresa de Freitas Lopes. O casal teve quatro filhos, um homem e três mulheres: Eufrásia (1864), João (1865), Silvana (1868) e Maria Isabel (1871).

Lopes Neto passou a infância nas estâncias de propriedade dos avós, no interior do Rio Grande do Sul. Seu pai era o segundo filho mais velho de João Simões Lopes Filho. O primogênito, João Paulinho Lopes, era o que administrava a estância da Graça na ausência do pai, mas acabou sendo atingido por um raio em uma de suas cavalgadas na madrugada e veio a falecer. Com isso, ficou a responsabilidade da estância para o segundo filho mais velho, ou seja, Catão Bonifácio (REVERBEL, 1981).

Segundo o autor Carlos Diniz, Visconde da Graça casou-se duas vezes, contraindo as segundas núpcias com D. Zeferina Antonia da Luz em 1857, após a morte da sua primeira esposa durante a epidemia de cólera-morbus que assolou a cidade. O Visconde deixou muitos descendentes desses dois matrimônios. Portanto, a família Simões Lopes e toda a sua parentela era bastante extensa.

Simões Lopes Neto vivia na estância da Graça desde seu nascimento até seus onze anos de idade, época que acabou deixando a estância para levar uma vida essencialmente urbana começando então sua vida escolar. A família era proprietária da charqueada da Graça em Pelotas e a estância São Sebastião em Uruguaiana, na qual Catão Bonifácio administrava. A estância São Sebastião era maior que a charqueada da Graça e fornecia gado para a charqueada da cidade de Pelotas.

Lopes Neto frequentava as estâncias nas férias escolares, onde passava um tempo com o pai, por quem tinha uma imensa adoração. Para Lopes Neto, seu pai era o exemplo de gaúcho, corajoso, forte e inteligente, no qual serviu de inspiração para muitas histórias da obra “Contos Gauchescos”. Os *Contos Gauchescos foram dedicados* a ele: “À memória de meu pai. Saudade”, o conto *Juca Guerra* -, o personagem Tandão é uma referência direta à Catão Bonifácio, que tinha mesmo esse apelido.

Segundo o autor Carlos Reverbel (1981), Simões Lopes Neto despertou o interesse por livros e gravuras desde muito jovem. Como seu passatempo era escrever histórias desde criança, a literatura chamou sua atenção. Aos 13 anos de idade partiu para o Rio de Janeiro¹, para estudar no famoso colégio Abílio e logo em seguida teria frequentado à Faculdade de Medicina (porém nunca houve provas de que o autor tivesse de fato estudado medicina, mesmo que em um breve período), mas por motivos de saúde foi obrigado a abandonar os estudos. Contudo, retornou ao Sul, para residir em sua cidade natal, na qual estava enriquecendo e prosperando devido à grande quantidade de charqueadas que habitavam a cidade e davam a base econômica.

Casou-se em 5 de maio de 1892 com Francisca de Paula Meirelles Leite de 19 anos, mais conhecida como Dona Velha, que assim era chamada desde sua juventude. O autor já tinha 27 anos de idade e decidiu casar-se, como todos os amigos já vinham fazendo. O casal não teve filhos legítimos, mas adotou uma menina chamada Fermina de Oliveira Lopes². Apesar das inúmeras atividades que exercia, sempre foi um pai amoroso e dedicado à filha.

Sabe-se que ao longo da vida Lopes Neto exerceu diferentes atividades profissionais, começando a escrever e praticando o amadorismo jornalístico. Com o tempo tornou-se cronista, redator, editorialista, secretário de redação, folhetinista e diretor de jornal (REVERBEL, 1981, p.42).

No jornal “Pátria”, de seu tio Ismael Simões Lopes, Simões Lopes Neto criou uma seção intitulada “Balas de Estalo”, aonde começou escrevendo crônicas, mas

¹Há muitas pesquisas sobre a vida curricular do autor, mas infelizmente nenhuma obteve sucesso, o que nos leva a crer que o autor estudaria no Colégio Abílio e, a seguir, na Faculdade de Medicina é as informações prestadas pelo próprio autor, em conferência famosa: “Eu tive campos, vendi-os; frequentei uma academia, não me formei; mas, sem terras e sem diploma, continuo a ser capitão da Guarda Nacional”.

² DINIZ, Carlos Francisco Sica, 2003.

não era considerado um profissional no jornal, ali ele escrevia sem obrigação e responsabilidade, publicando crônicas quando bem entendia.

“Se é verdade, como se acredita, que as primeiras colaborações de J. Simões Lopes Neto para a imprensa pelotense saíram na *Pátria*, em 1888, então o texto destas seis crônicas é de fato a sua estreia jornalística, com primícias de seu colorido e pessoalíssimo estilo literário” (REVERBEL, 1981, p.45).

O autor teve uma expressiva contribuição intelectual ao regionalismo sul-riograndense, é intensa a valorização histórica do gaúcho apresentando fielmente aos costumes e à linguagem.

Manteve-se no jornal a *Pátria* até 19 de maio de 1896, quando seu tio veio a falecer, deixando assim o jornal abandonado. Simões Lopes Neto com o fim do jornal a *Pátria*, passou então a escrever para a imprensa pelotense, o *Diário Popular* foi fundado em 27 de agosto de 1890. “As colaborações de J. Simões Lopes Neto começaram a aparecer no Diário Popular a partir de 1892, prolongando-se até 1896” (REVERBEL, 1981, p.50).

O autor inicialmente trabalhava no jornal *Diário Popular*, da mesma forma que no jornal a *Pátria*, de forma não considerada profissional, apenas anos mais tarde que foi considerado um profissional no seu local de trabalho. Afastou-se do jornal em 14 de junho, no período em que seu pai havia falecido, retornando em 25 de julho. Mas nada se mantivera como antes, Simões Lopes não conseguiu manter sua rotina no jornal, desaparecendo assim do jornal naquele respectivo ano. A sua inconstância o levaria a outros jornais e a outros negócios (REVERBEL, 1981, p.56).

Nas colunas do *Correio Mercantil* voltou a restabelecer seu contato com o jornal, desta vez escrevendo mais voltado para o campo da ficção. Simões Lopes Neto até então usava seu pseudônimo de Serafim Bemol. O uso de pseudônimos nas colunas de jornais era comum na época, para não expor seu nome verdadeiro.

Em o número de hoje termina o folhetim que, com o título “A Mandiga”, estávamos publicando aos domingos e quintas-feiras. Pelo bom êxito de pilhéria e boas horas alegres que ‘A Mandiga’ proporcionou aos nossos leitores, parece-nos que eles aceitaram esse trabalho pelo que ele valia: por uma despreziosa moxinifada literária, destinada unicamente a matar o tempo e divertir”³.

³ Correio Mercantil, 14 de dezembro de 1893.

Foi nesse jornal que Simões Lopes Neto publicou a tão famosa lenda do “Negrinho do Pastoreio”, sua primeira obra de reconhecida importância regional. O autor chegou perto do que se consideraria profissão na redação da *Opinião Pública*, onde já fazia parte quando começou a escrever para o *Correio Mercantil*.

O jornal ficou parado por algum tempo, pelo fato do diretor passar por algumas doenças, voltando à ativa em 2 de março de 1914, tendo como o novo diretor João Simões Lopes Neto. Nesta mesma época houve o banimento dos pseudônimos, o autor usava como visto anteriormente Serafim Bemol, depois passou a usar João do Sul—pseudônimo que passou a usar durante o tempo em que estava na diretoria do jornal⁴.

Deve ser lembrado que neste mesmo período o autor já estava entrando numa crise, pois já não obtinha mais a fortuna que mantivera a família, sustentava-se apenas do jornal, muitas eram as sugestões para o rendimento de seus bens materiais, porém para este trabalho pude analisar muitos artigos que mostram o contrário, no sentido de que Simões Lopes Neto não herdou grande fortuna da sua família como é o imaginado, pois as charqueadas entram em decadência após o fim da escravidão. Além de que o patrimônio de seu avô foi dividido para toda família, pois havia uma enorme descendência (quase 20 herdeiros, além dos netos), o que acabou dissipando até então a chamada “fortuna”.

O material para continuar com a realização do jornal já estava em valores muito altos, valor este que Simões Lopes Neto já não tinha para manter o periódico em funcionamento. Tendo então o afastamento do autor mais uma vez e tendo como suspendida a circulação do jornal. Porém se o autor soubesse administrar a herança que herdou de seu avô, poderia ter obtido uma vida financeira mais tranquila, porém como foi observado o autor teve várias profissões e não obteve carreira profissional muito longa em nenhuma delas.

Após algum tempo tornou-se profissional dentro do jornal e passou a receber por seu trabalho. Além do emprego no jornal, o autor teve participação em revistas e no teatro, quando passou a obter certo prestígio local justamente por trazer ao público a lembrança das tradições e a riqueza das paisagens contidas na sua região.

Depois que Simões Lopes Neto saiu da direção do *Correio Mercantil*, ele começou a apresentar alguns problemas de saúde. Neste momento, maiores eram

⁴REVERBEL, C. 1981

as suas dificuldades, pois estava desempregado e sem dinheiro. Foi nessa ocasião que surgiu os “Contos Gauchescos”, que na época não foi tão prestigiado como veio a ser anos depois de seu falecimento.

O autor também participou ativamente da diretoria de diversas entidades, como União Gaúcha, fundada em 20 de setembro de 1899 na cidade de Pelotas com sua participação e onde foi presidente por dois mandatos (REGIONALISMO GAÚCHO, 2022).

A União Gaúcha é o primeiro marco do tradicionalismo gaúcho no interior do Estado e que funciona até hoje com o nome de União Gaúcha João Simões Lopes Neto, por exemplo, o meio artístico como as invernadas trabalha por manter os contos e lendas do autor sempre vivas, como temas de entrada e saída de suas apresentações (REGIONALISMO GAÚCHO, 2022).

Como o próprio nome já diz, a União Gaúcha como era chamada inicialmente, surgiu através de um grupo de amigos que se unirão com o intuito de manter os costumes tradicionalistas, como: leitura, elaboração de poesias, declamação, entre outros. Somente anos depois a morte do autor que o nome João Simões Lopes Neto foi agregado a União Gaúcha (REGIONALISMO GAÚCHO, 2022).

Na *Opinião Pública* se manteve até o fim de seus dias, vindo a falecer numa quarta-feira dia 14 de junho de 1916, diagnosticado de úlcera duodenal perfurada. Conforme Diniz, sua morte trouxe um grande alvoroço na cidade, a partir dali o escritor passou a ser visto com outros olhos, pois a população local começou a perceber o grande autor que havia perdido (DINIZ, 2003).

A obra de Simões Lopes Neto já mereceu muitos estudos. Logo após sua morte (em 1916, aos 51 anos de idade), seus escritos começaram a ser apreciados por críticos rio-grandenses como João Pinto da Silva, Moysés Vellinho, Augusto Meyer, Ligia Chiappini, entre outros. No entanto, muitos dos estudos realizados buscam analisar sua obra do ponto de vista literário e quando tratam das questões históricas analisam o Rio Grande do Sul como um todo.

Conta-se que para arrecadar algum dinheiro, Dona Velha fez um leilão de toda a documentação do marido, mas ninguém se interessou. Então toda a obra do escritor se dispersou entre colecionadores, bibliotecas e museus. Além de a mesma ter recebido muitos pesquisadores, como: Carlos Reverbel, entre outros, em sua casa para falar sobre a obra do marido.

O termo “simoniano” como utilizado no início deste capítulo, foi criado após sua morte. Os pesquisadores e críticos que se interessaram e dedicaram seu tempo para pesquisar a literatura de Simões Lopes Neto foram considerados como grupo de pesquisadores simonianos.

1.1 Sobre a obra “Os Contos Gauchescos e Lendas do Sul”

A obra simoniana, conta com quinze contos no livro “Contos Gauchescos” e três lendas no livro “Lendas do Sul”. O autor se tornou umas das principais figuras do regionalismo rio-grandense e passou a ficar conhecido e tomar prestígio por suas obras. Três delas foram publicadas em vida: *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913). Todas foram editadas pela Livraria Echenique & Cia de Pelotas. Em 1925, essa mesma livraria vendeu os direitos dos Contos Gauchescos e das Lendas do Sul para a Livraria do Globo, que reeditou em um único volume Contos Gauchesco e Lendas do Sul, em 1926.

No caso dos *Contos Gauchescos* o autor transmite a região sul-rio-grandense, mais especificamente a cidade de Pelotas. Embora não seja mencionada nos contos que o autor relata especificamente a sua cidade natal, pode ser observado nas falas de alguns contos em que é mencionada a presença do doce, pois Pelotas é considerada a cidade do doce, entre outras circunstâncias que faz o leitor associar a cidade de Pelotas como a protagonista dos contos.

Tratam-se de costumes e linguagens bastante recorrentes da sua região, embora, pareça em alguns momentos um pouco exagerada na linguagem regionalista⁵ e até mesmo com a presença de algumas palavras não tão presentes na sociedade e época vividas.

Como também sua historiografia, como a Guerra dos Farrapos brevemente tratada de forma não específica, em alguns contos o autor refere-se também a Dom Pedro, entre outros motivos que nos levam a pensar no estado em questão. O autor deixa bem vivo em sua obra a admiração pela paisagem do pampa gaúcho e os bichos que ali habitam, o que leva aos leitores a analisarem sua preocupação em deixar um legado referente ao seu estado.

⁵ Que se refere particularmente a uma região

O modo de falar de Blau Nunes faz com que o leitor viaje para o tempo em que Simões Lopes remete no texto. Esta fala coloquial mantém o pensamento para a região no qual ele esta se referindo, região do pampa.

Ao analisar os Contos Gauchescos podemos imaginar que Simões Lopes Neto cultivava e vivia como os rio-grandenses do meio rural, vestidos a caráter, como imaginamos hoje, que vestia a indumentária típica do gaúcho (bombacha, bota e chapéu) pelo modo de falar presente na obra. Entretanto, Simões Lopes era um homem de elite e com hábitos urbanos que também tinha gosto pelo mundo rural, mas que vivia como um homem urbanizado.

Sua família possuía terras no interior do Rio Grande do Sul, no qual Simões Lopes parece ter tido bastante contato ao longo da juventude. Em texto escrito para o livro “Breve inventário de temas do sul” Raymundo Faoro faz algumas citações de Augusto Meyer “o pelotense culto e de família patricia” (MEYER, s.d., p.11) que se deixou viver como Blau Nunes, “o gaúcho pobre, o tropeiro, peão de estância, o agregado, o índio humilde” (idem).

Com isso podemos concluir que Simões Lopes, enquanto homem urbano, que trabalhava como jornalista e empregado público na cidade deixava se levar nos contos como um peão e algumas vezes retratando a si mesmo como terceira pessoa com a presença de um narrador-personagem, usando a figura do vaqueano⁶ Blau Nunes, ele narra os contos hora de forma em que ele participa como personagem e outrora como narrador. Trata-se de um estilo muito bem elaborado, para conseguir essa façanha de fazer falar o peão analfabeto ao letrado da cidade, identificando com ele a distância de classe e cultura entre o autor e o personagem. Sendo assim, o autor traz a figura do contador de casos, atitude típica da cultura gaúcha. Portanto, Blau Nunes surge como um recurso narrativo: é ele o narrador dos causos.

As Lendas do Sul não é diferente, passa pelo mesmo cenário dos contos, com a regionalidade sempre muito presente. Porém nas lendas “A mboitatá” e “Negrinho do Pastoreio” não ocorre à presença de Blau Nunes, voltando a retornas na lenda “A Salamanka do Jarau” como o personagem principal. As lendas são contadas e elaboradas como peças de teatro até os dias de hoje dentro dos Centros de Tradições Gaúchas, entre outros.

⁶Pessoa que conhece perfeitamente os caminhos e atalhos de uma região, podendo servir de guia aos que precisam percorrê-la. Pessoa que tem prática, habilidade, destreza, para qualquer trabalho ou arte. Tapejara (Extraído do *Minidicionário Guasca*, Zeno e Rui Cardoso Nunes). *Diadorim*, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 1, p.114-128, Julho 2015.

A Salamanca do Jarau serviu para muitas inspirações no meio tradicionalista, exemplo disto, é o hino tradicionalista do Rio Grande do Sul composto por Barbosa Lessa. “Eu agradeço à Salamanca do Jarau por me ensinar o que aprendeu do "Velho" Blau: com alma forte e sereno coração achei meu rumo pra sair da escuridão.” Trecho retirado do hino composto por Barbosa Lessa.

De acordo com Beatriz Ana Loner (2002), o autor elaborou também duas cartilhas de alfabetização para as escolas em 1904 e 1907, porém elas não vieram a ser aprovadas na época para que fossem estudadas. Segundo a reportagem cultural do Jornal do Comércio publicada em 03 de agosto de 2018, o manuscrito original de um deles, a cartilha de alfabetização *Artinha de Leitura*, foi descoberto na biblioteca de uma professora, provavelmente adquirido décadas antes em algum sebo.

O manuscrito do outro, o livro de leitura escolar *Terra Gaúcha*, estava dentro de um velho baú adquirido por um colecionador. As duas obras ganharam edições em 2013, coordenadas pelo professor da UFRGS Luís Augusto Fischer. O intuito do autor com as cartilhas era orientar os professores que a educação não precisava de humilhações e castigos. Pois se sabe que as escolas antigamente eram muito rígidas e as punições eram severas para os alunos que não se comportavam adequadamente como a escola mandava.

2. A presença dos personagens negros na obra Simoniana

Tendo sido criado em Pelotas, um município com forte presença de escravizados e significativa população negra no pós-abolição, seria de se esperar que Simões Lopes Neto incluísse personagens negros em sua ficção. Como exemplo disso, podemos citar que o autor traz nos contos e lendas narradas um episódio envolvendo o castigo do açoite, mesmo já vivendo em 1912 (data esta que foi publicado a obra “Os contos gauchescos”), onde a abolição da escravidão já havia ocorrido no ano de 1888 através da Lei Áurea, que foi assinada pela princesa Isabel no dia 13 de maio daquele ano⁷.

O treze de maio é considerado a data em que a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que representa a abolição da escravidão no Brasil. Em muitos livros didáticos essa data é vista como um ato de "generosidade" da elite branca e transformaria a princesa na personagem principal da libertação dos escravos.⁸ Porém, com o passar do tempo se obteve várias pesquisas onde busca focar mais o lado dos escravizados e suas lutas para conquistar a liberdade, assim como a ampla participação popular no movimento abolicionista que pressionou os parlamentares para a aprovação da Lei. Tais estudos desconstruem a visão e a ideia da princesa Isabel como “heroína” da população negra ou a “mãe dos escravizados”. Com as leituras⁹ para este debate, pode ser observado que a luta pela abolição já havia começado muito antes do treze de maio e que a princesa Isabel estava sofrendo muita pressão política, no qual ela precisava de uma estratégia para conquistar o apoio da população, a assinatura da Lei Áurea não foi um ato apenas de bondade, mas sim de questões políticas¹⁰.

Para concluir está análise, “a luta do treze de maio” fica a questão: Por que comemorar o dia treze de maio? Como é visto no texto do Petrônio Domingues (2011), essa data é comemorada pela luta e resistência do povo negro, ou seja, essa comemoração não é vinculada a princesa Isabel como protagonista dessa

⁷ Como veremos a seguir, o castigo do açoite foi mencionado na lenda “Negrinho do Pastoreio”.

⁸ Sobre a narrativa da abolição nos livros didáticos mais tradicionais, ver (PINTO, 2014).

⁹ ALONSO, A. O abolicionismo como movimento social, 2014.

¹⁰ ALBUQUERQUE, W. A vala comum da “raça emancipada”: abolição e racialização no Brasil, breve comentário, 2010.

história, porque de fato não foi. É comemorada a vitória do movimento abolicionista, um dos maiores movimentos cívicos da história do Brasil.

O século XIX foi marcado pelo apogeu e a decadência escravista no Brasil. O fim do tráfico atlântico de escravos e a abolição da escravidão nas colônias inglesas e francesas foram resultado tanto dos debates políticos e das transformações políticas, econômicas e morais, quanto da luta por liberdade dos escravos. Porém no Brasil o fim da escravidão foi um processo mais demorado. Segundo o autor Henrique Espada Lima (2013), as elites brasileiras defendiam que o Brasil não podia viver sem a escravidão até que arranjasse uma solução para lidar com as necessidades de trabalho da grande lavoura.

A escravidão no Brasil só começou a ter fim de fato, através dos tratados com a Inglaterra, país que já havia se engajado na destruição do comércio negreiro, que levaram a proibição legal do tráfico de escravos da África em 1831. Com o desrespeito criminoso dessa Lei, outra lei abolindo o tráfico transatlântico teve que ser promulgada em 1850, com a chamada Lei Eusébio de Queiroz.

Com isto, a classe de proprietários de escravos começou a se sensibilizar com a causa dos abolicionistas. Segundo o autor Henrique Espada Lima (2013), a liberdade poderia ser um negócio lucrativo para alguns abolicionistas, uma forma de recrutamento de trabalhadores relativamente agradecidos.

Com isto, podemos concluir que a vida dos libertos antes e após a escravidão foi marcado pelo trabalho duro, um mercado de empregos restrito, sem muitas oportunidades e muito preconceito e racismo.

No entanto, nunca é demais lembrar que a Revolta da Chibata, no Rio de Janeiro, ocorreu em 1910, quando os marinheiros negros se rebelaram contra os açoites que recebiam nos navios; ano este em que o autor publica a obra *Cancioneiro Guasca*. Dois anos depois da Revolta da Chibata foi publicada os *Contos Gauchescos*.

Essa medida beneficiou uma grande quantidade de escravizados que ainda existia no país, mas a escravidão já havia sofrido outros golpes antes de 1888. A aprovação do governo brasileiro da Lei Eusébio de Queirós (essa lei proibia definitivamente a importação de escravizados para o país, desse modo, o preço do escravizado ficou ainda mais caro para os grandes proprietários de terra) e no ano de 1871, a Lei do Ventre Livre determinou que todos os filhos de escravizados nascidos a partir daquela data estariam livres. Assim então, a abolição da

escravatura pra ser de fato consumada precisou de várias outras leis para que os escravizados fossem livres e não fossem explorados, prejudicando assim a mão-de-obra escrava em todo o Brasil (ÁVILA; RIBEIRO, 2015).

Todas essas medidas legais afetaram igualmente a cidade de Pelotas, que era a principal produtora de carne-seca do país, o que lhe valeu muita riqueza e prestígio político. A consolidação das charqueadas se dá no século XIX, a produção de charque se tornou o centro da vida econômica da região de Pelotas, as charqueadas estavam situadas às margens do Arroio Pelotas e Canal São Gonçalo numa região plana, marcada por bom pasto e muita água e a partir daí a cidade prosperou. Sabe-se que nas charqueadas o trabalho dos escravizados era árduo, mas indispensáveis, pois os grupos de escravizados trabalhavam separadamente em cada parte de produção da charqueada como: os ligados diretamente na produção do charque, os salgadores, os artesões, os de serviços domésticos entre outros serviços fornecidos na charqueada (VARGAS, 2016).

Conforme Vargas (2016), no terceiro capítulo de seu livro, pode se perceber como funcionava o setor produtivo e o trabalho nas charqueadas, além das tarefas de cada grupo de escravizados. Os charqueadores mais ricos obviamente obtinham mais escravizados, e os menos ricos obtinham escravizados para trabalhos mais específicos e de mais utilidade para o meio produtivo e em menor quantidade. Em 1875, Pelotas possuía mais de 8.300 escravizados em sua população e foi o município do Rio Grande do Sul com o maior número de escravizados no início da década de 1880. O próprio João Simões Lopes Neto cresceu em uma família na qual muitos eram grandes proprietários de escravizados. O seu avô, o comendador João Simões Lopes, e o seu tio, João Simões Lopes Filho (visconde da Graça), estavam entre os mais ricos charqueadores da cidade.

2.1 O negro na obra “Lendas do Sul”

A Lenda do “Negrinho do Pastoreio” como o próprio nome já diz, trata-se um pouco sobre como era à vida dos escravizados e fazendeiros na época retratada pelo autor. A lenda era conhecida como credice popular. Antes de Simões Lopes Neto contar em seu livro, anteriormente a lenda já havia sido relatada em três versões literárias, entre elas: a versão de Apolinário Porto Alegre “O Crioulo do

Pastoreio” de 1875; a versão Uruguaiana de Javier Freyre em 1897 e por último a versão de Simões Lopes Neto, publicada em 1906 no Correio Mercantil, sendo logo após inserida nas Lendas do Sul, em 1913 (NUNES, 2014).

A Lenda relata a história do negrinho que era escravizado e do seu senhor (proprietário de estância), no entanto, o estancieiro era um homem muito arredio, de poucos amigos. As únicas pessoas que o homem confiava e trocava poucas palavras era seu filho, o seu cavalo baio e o negrinho escravizado. Tudo começa através de uma disputa entre o senhor estancieiro e o vizinho, a disputa acontece através de uma corrida de carreira, ou seja, uma corrida de cavalos, no qual o ganhador seria o que chegasse primeiro no local determinado.

Cada um dos competidores colocava os seus cavalos para a disputa e junto deles o montador, no caso desta lenda o montador do cavalo baio que era de posse do estancieiro era o seu escravizado, o “Negrinho do Pastoreio”. Na corrida havia o árbitro que dava a largada para os cavalos iniciarem a corrida e o outro árbitro que ficava na chegada para cuidar quem atravessasse a linha de chegada primeira, dando então, vitória ao competidor.

O prêmio para quem vencesse a disputa era mil onças de ouro. O objetivo do estancieiro era pegar o prêmio para si, já o vizinho tinha como objetivo distribuir seu prêmio para a classe mais pobre, através de vacas de leite, boi, potros, entre outros. A sentença que decide o vencedor é dada pelo juiz (um senhor experiente, do tempo da guerra de Sepé- Tiarajú, como o próprio autor referencia), o ganhador da disputa é o vizinho.

A partir de então começa a triste história do “Negrinho do Pastoreio”, pois em forma de castigo pela derrota nas carreiras, o Negrinho é colocado no palanque de açoite e ali recebe inúmeras chibatadas. Neste palanque ele é preso por dias e noites. Logo após o ocorrido, sempre que houvesse alguma irregularidade na estância, o negrinho era castigado no açoite recebendo chibatadas. No entanto, a lenda conta que as irregularidades vinham do filho do estancieiro, porém as culpas pelos seus erros eram sempre do negrinho.

A família escrava no Brasil nem sempre se constituiu dentro dos padrões de família nuclear e sanguínea. Os escravos usaram de outras relações de parentesco mais simbólicas, como as de compadrio, de “famílias de santo”, das irmandades religiosas e de grupos étnicos.

No texto da autora Natália Pinto (2014) pode-se observar as relações de apadrinhamento dos senhores com os filhos das suas escravas, podendo ser visto de certa forma, como uma estratégia dos cativos para conseguir a libertação de seus filhos. Pois o apadrinhamento traria uma melhor colocação social dentro da senzala e com isto, um ligamento do senhor com os filhos de seu escravizado, ou seja, uma ligação da casa grande com a senzala, o que seria mais vantajoso socialmente. Pois os cativos sabiam que não conseguiria liberdade para toda sua família, portanto, com esta estratégia teria a possibilidade de libertar seus filhos apadrinhados por seu senhor e dar condições melhores naquele local de tantas limitações, crueldade e preconceito.

Dessa maneira, acredito os projetos de liberdade eram plurais, ou seja, coletivos e não de cunho individual. Pois quanto mais laços sociais ou inseridos em redes familiares os cativos estivessem, maiores chances de sucesso teriam de alcançar a liberdade e manterem-se vivos dentro dessa engrenagem social (PINTO, 2014, p.14).

Na lenda do negrinho não é diferente, o estancieiro que vinha a ser seu dono não quis apadrinhar o negrinho e nem mesmo dar-lhe um nome. Então na falta do apadrinhamento o negrinho tinha como sua madrinha a Nossa Senhora, na qual ele rezava todas as noites em que estava no açoite e ela transmitia para ele proteção nas noites sombrias.

A lenda tornou-se credence popular, diz à lenda que o negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelos seus donos, quando os mesmos perdem o objeto devem ascender um “coto” de vela, para que o negrinho a leve para o altar de sua madrinha a Virgem Nossa Senhora, madrinha dos que não a têm.

A lenda, que foi reproduzida oralmente até chegar ao formato escrito, dado por Lopes Neto, também é reveladora de outros aspectos da escravidão rio-grandense e da condição dos negros no sul do Brasil. Durante muito tempo se acreditou que os escravizados não estavam presentes na pecuária sulina, pois se dessem um cavalo para eles conduzirem as tropas, eles fugiriam (MARINGONI, 2011). Contudo, como aponta Farinatti, desde os anos 1980 já se reconhece que os escravizados campeiros estavam presentes em nas propriedades rurais, demonstrando habilidades e competências com o uso dos cavalos. Muitos tentavam fugir, mas eram capturados, pois o sistema de vigilância social era muito rígido e

qualquer pessoa negra vagando pela fronteira era presa, caso não provasse ser livre¹¹.

Mais recentemente, outros autores¹² mostravam que os escravizados também frequentavam as corridas em cancha reta, sendo que alguns até corriam a cavalo com a permissão de seus senhores.

O “jogo das carreiras” é uma prática habitual em regiões de todo o Pampa gaúcho, trata-se de um esporte de corridas de cavalos em cancha reta. No qual, reunia um número considerável de pessoas das mais diferentes camadas da sociedade tendo o jogo como lazer. Proprietários de cavalos desafiavam-se uns aos outros para corridas com os animais emparelhados. Local de muita festa com música, apostas, ostentação de poder, exibição de masculinidade e muita bebedeira. Por isso, era também um lugar de muita tensão. Constantemente, apostadores não concordavam com a marcação dos árbitros, acusavam trapaças pelos cavaleiros ou simplesmente não aceitavam o resultado, como também, eram resolvidas antigas rixas ali. Eram muitos os motivos que faziam com que o evento das carreiras em cancha reta descambasse para agressões, muitas vezes culminando em mortes.

Assim sendo, a lenda descrita por Simões Lopes Neto também evidencia o cotidiano social dos escravizados nas fazendas dos seus senhores, expressando suas possibilidades de vida, como também toda a violência ao qual estavam sujeitos.

2.2 Os Negros dos Contos Gauchescos

No que se refere aos Contos Gauchescos, a referência a personagens negros é encontrada em poucos contos. O conto “*O Negro Bonifácio*” é relatado no mesmo cenário do Negrinho do Pastoreio, pois se passa também em uma corrida em carreira de cancha¹³, como já foi mencionado anteriormente.

¹¹FARINATTI, L. A. Escravos do Pastoreio: Pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850). Publicado em: “Ciência e Ambiente” – UFSM, n. 33, jul-dez 2006. Santa Maria, p. 135-154.

¹²SANTOS, J. M. C. M.; VARGAS, J. M.; REMEDI, J. M. R. “Uma reunião de carreiras de cavalos”: lazer, esporte e os paradoxos da modernidade no Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 21, n. 45, p. 682-704, set./dez. 2020.

¹³A carreira foi o esporte e o jogo de preferência do homem do pampa, onde envolvia apostas ou praticavam o esporte só por brincadeira, os ginetes se desafiavam quem possuía o cavalo mais rápido e assim por diante.

Foi feita uma aposta entre o negro e Tudinha, que vinha a ser um caso antigo do negro Bonifácio. Tudinha acabou por ganhar a aposta e quando o negro Bonifácio foi levar seu pagamento no bar da família da moça, acabou arrumando uma briga com os familiares e o namorado da moça. O negro Bonifácio acabou matando a mãe e o namorado de Tudinha e a moça matando o negro Bonifácio.

Blau Nunes trata do negro Bonifácio como maldoso, perverso, arrogante, porém, com coragem e atitude, embora com atitudes agressivas. Neste pode ser notado à figura do homem negro como um perigoso, não confiável e a figura da mulher como sedutora, maliciosa, tipo de moça que não tinha prestígio social e que não servia para casar, pois já havia tido outros relacionamentos e não era uma moça válida para casamentos, pois para ter respeito à mulher deveria de ser “pura”, ou seja, não poderia ter tido relacionamentos conjugais antes de seu marido.

O autor menciona Tudinha como “(...) Chinoca airosa, Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!...” (CHAVES, 1912, p. 25). Ou seja, chinoca é o diminutivo de china, se referencia a mulher do peão, são as prendas, mulheres gaúchas que acompanham seus maridos em qualquer lugar. É uma referência às mulheres que acompanhavam os soldados nas guerras e ficavam esperando que eles passassem nos campos. Contudo, o termo também era usado em um sentido pejorativo, como prostituta. Foi retratado dessa forma, por exemplo, em uma minissérie da TV Globo¹⁴, em que as chinocas eram as mulheres que os soldados mantinham relacionamentos durante sua jornada. Eram chamadas de chinoca, mas com o sentido ofensivo e não como mulheres bonitas, ou prendas.

Conforme Conceição (2007) além do autor exaltar as características físicas da personagem, percebemos que há também uma personalidade forte de mulher ousada, que eram características semelhantes às do Negro Bonifácio, pois os dois se desafiaram numa aposta.

O Negro Bonifácio era ginete, termo utilizado para definir a pessoa que trabalha com doma, criação e montaria de cavalos. O ginete é um profissional, que trabalha com a preparação e apresentação dos cavalos em provas e exposições. Atualmente a atividade de ginete é bem vista perante a sociedade e considerada profissão, porém nem sempre essa profissão obteve a mesma consideração e visão social.

¹⁴ A Casa das Sete Mulheres, exibida pela rede Globo no ano de 2003.

“Até hoje me intriga, isto: como uma morena, tão linda, entregou-se a um negro, tão feio? (...) Seria de medo, por ele ser mau? (...) Seria por bobice de inocente? (...) Por ele ser forçado e ela, franzina? (...) Seria por (...)” (CHAVES, 1912, p. 32). A forma em que o autor questiona a relação de Tudinha com o negro Bonifácio, fica claro o preconceito da sociedade nas relações entre pessoas negras e brancas, pois, tais relacionamentos não eram bem vistos, pessoas brancas representavam a elite e as pessoas negras a senzala, os escravizados. Dessa forma, não seria equivocado afirmar que as referências sociais da obra se amparam em concepções racistas da sociedade da época.

No caso do conto do negro Bonifácio, pode ser percebida a visão da sociedade com as mulheres brancas que não poderiam se apaixonar por homens negros, pois elas eram vistas como “desprezíveis”, ou seja, mulheres que não se valorizavam e não se davam ao respeito. Em contraposição, os homens negros eram vistos como “pervertidos”, como abusadores das mulheres, mantendo uma relação à força e não por livre e espontânea vontade de ambas as partes.

O conto “No Manantial”, narra a história de uma menina que estava comprometida, mas seu vizinho a cortejava. Certo dia ele soube que ela iria se casar, então foi até a casa dela e beijou-a força, contra sua vontade. Após este gesto abusivo, a menina disparou dele, ele sempre de atrás dela, ela andou sem rumo e acabou se afogando num lagoão. Por consequência ele acabou se afogando também e os dois morrem.

Este, que pro caso chamava-se Chicão, andava mui enrabichado pela Maria Altina. Ele era um bruto, que só olhava, só queria a Maria Altina de carne e osso. Do mais não se lhe dava; não queria saber se a menina era vergonhosa, ou trabalhadeira ou prendada. Ele só olhava-lhe para as ancas, e os seios, e para a grossura dos braços (CHAVES, 1912, p. 37).

Porém, este conto ele é quase todo narrado pela negra escravizada, que pode dizer-se a ama de leite da moça Maria Altina. A mulher escravizada era explorada não somente como produtora e reprodutora, mas também como ama de leite. O termo ama de leite refere-se à “mulher que amamenta criança alheia; ama de leite, criadeira” (DICIONÁRIO HOUAISS, 2009).

Esta prática de amamentação percorreu a história da humanidade e que perdurou, de maneira oficializada no Brasil, até final do século XX. As amas de leite eram tratadas como vaca, cabra leiteira ou como coisa, objeto de troca, aluguel,

compra e venda; em que além da propriedade e serem exploradas no serviço doméstico, eram usadas como fonte de renda aos senhores patriarcais; sendo um dos maiores exemplos da violência por meio do trato e comércio humano no Brasil escravista¹⁵.

Com isto, a maioria das vezes as escravizadas eram afastadas de seus filhos, pois ela seria mais lucrativa sem a criança, impossibilitando uma das únicas relações familiares que as negras poderiam ter. Elas eram separadas de seus filhos logo após o nascimento, pois a criança era propriedade dos donos, assim como a escravizada. A escravizada trabalhava como ama de leite e a criança servindo seu senhor. Por isto havia um grande número de casos de mulheres que fugiam com os filhos.

O final do conto “No Manatíal” trata-se da tristeza de quatro mortes, porém traz a libertação dos escravos, pois a fazenda ficou abandonada. Por conta disso, os escravizados conseguiram suas alforrias e ficaram livres para seguir suas vidas. Ficando na casa somente a senhora dona da estância e a negra mina, que não havia sido alforriada.

As mulheres começaram a ter um pouco mais de voz somente nas décadas finais do século XIX.

As mudanças políticas, sociais e legais dos últimos anos de escravidão revelaram as mulheres como protagonistas, não apenas da retórica abolicionista, mas também dos debates científicos, se o primeiro funcionava como apelo para a causa, o segundo como forma de manter a exclusão, diferenciação e a hierarquia entre agentes sociais (HAACK, 2019, p.05).

Os abolicionistas buscavam focar na narrativa da maternidade e da crueldade da separação de mães e filhos, utilizando como estratégia para incluir as mulheres brancas ao movimento abolicionista e com isto sensibilizar a sociedade para que a escravidão tivesse fim. Porém sabe-se que esta seria uma luta árdua que se estenderia até o pós-abolição.

Outro ponto importante a ser analisado nos contos, é a questão do racismo, no qual os negros sofrem até os dias atuais. No texto da Ana Flávia Magalhães Pinto (2018) ela busca analisar como os negros eram representados no pós-abolição. Eles eram vistos quase sempre como ladrões, sujeitos perigosos e malandros,

¹⁵MAGALHÃES, E. K. C.; GIACOMINI, S. M. A escrava ama-de-leite: anjo ou demônio? In: BARROSO C.; COSTA, A. O. Mulher mulheres. São Paulo: Cortez/ Fundação Carlos Chagas, 1983.

estereótipo ainda presente nos dias atuais, pois o racismo ainda é bastante forte no país.

Anualmente o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) divulga dados a respeito das desigualdades por cor no país. De acordo com os dados lançados pelo IBGE em 2019, os negros (elencando pretos e pardos) tornaram-se 55,8% da população brasileira. Por tanto, metade da população é composta por pretos e pardos, porém ainda seguem sendo discriminados, de forma que as pessoas brancas ocupam os melhores cargos empregatícios e recebendo os melhores salários¹⁶.

O Livro da autora Ana Flávia Magalhães Pinto (2018) dedica-se do início ao fim a demonstrar o protagonismo dos homens negros nos movimentos sociais que conduziram a nação de 13 de maio e 15 de novembro. A primeira parte de seu livro aborda as origens sociais e familiares de quatro negros letrados, José Ferreira de Menezes, Luiz Gama, José do Patrocínio e Machado de Assis. A segunda parte da continuidade a análise da produção intelectual deles voltada para as principais transformações sociais de seu tempo, como o movimento abolicionista, a reforma eleitoral e os protestos populares. A última parte incorpora novos nomes, Ignácio de Araújo Lima, Arthur Carlos e Theophilo Dias de Castro, centra o foco nos conflitos por eles vividos após a Lei Áurea, destacando o associativismo negro.

Todos os sete letrados tiveram intimidade com os jornais, acreditavam que a imprensa era o instrumento indispensável para o exercício de um debate público capaz de transformar a sociedade, e foi por meio desta trajetória que a imprensa despontou como espaço privilegiado e preferencial de atuação política e debates raciais. A última parte do livro da autora volta-se para o pós-abolição, centrando a análise nas formas como os letrados negros reagiram ao racismo e às restrições ao exercício da cidadania.

Com isto, pode concluir-se que os homens e mulheres que tinham sua liberdade estavam sempre submetidos a olhares duvidosos, eram tratados como escravos fugitivos e até mesmo eram presos por diversas justificativas incabíveis. A vida após alforria não era fácil, pois era difícil arrumar um emprego digno, muitas vezes acabavam trabalhando como escravos novamente, servindo seus senhores. Havia várias formas de alforria obtidas a título precário (sob condições de prestação

¹⁶Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e pesquisas. Informações demográficas e socioeconômicas. Brasília: IBGE, 2019.

de serviços por período longo ou indeterminado, mediante endividamento etc.), às ameaças de reescravização, de escravização ilegal, de ter a mobilidade limitada pela suspeição da polícia, que tendia a achar que todo negro era escravizado.

Os modos de obtenção de liberdade eram variados: cartas de alforria, liberdades concedidas em testamentos e inventários, alforrias em pia batismal, alforrias alcançadas na justiça por meio de ações cíveis de liberdade. Porém a alforria comprada deixaria a pessoa em melhores condições políticas para defender a sua liberdade, talvez teria maior autonomia em relação ao ex senhor, em comparação com o beneficiado por uma manumissão gratuita ou condicional.

Conclusão

Durante o estudo foi possível compreender que, João Simões Lopes Neto ainda possui algumas obras importantes para o nosso regionalismo, possibilitando obter-se um maior conhecimento sobre o nosso estado. A pouca procura pelas lendas e contos gauchescos podem ocorrer pela escrita do autor ser voltada quase que totalmente para a região sul do Brasil, mas especificamente para o Rio Grande do Sul e a cidade de Pelotas.

A obra de Simões Lopes Neto já mereceu muitos estudos, no entanto, muitos dos estudos realizados buscam analisar sua obra do ponto de vista literário e quando tratam das questões históricas analisam o Rio Grande do Sul como um todo. O termo “simoniano” foi criado após sua morte. Os pesquisadores e críticos que se interessaram e dedicaram seu tempo para pesquisar a literatura de Simões Lopes Neto foram considerados como grupo de pesquisadores simonianos. A obra Simoniana, conta com quinze contos no livro “Contos Gauchescos” e três lendas no livro “Lendas do Sul”.

Embora não seja mencionada nos contos que o autor relata também a sua cidade natal, pode ser observado nas falas de alguns contos em que é mencionada a presença do doce, pois Pelotas é considerada a cidade do doce, entre outras circunstâncias que faz o leitor associar a cidade como a protagonista dos contos.

Tratam-se de costumes e linguagens bastante recorrentes da sua região, embora, pareça em alguns momentos um pouco exagerada na linguagem regionalista, que pode ser notado em sua obra à preocupação do autor em salvar a memória do gaúcho, sua forma de viver e costumes presente no estado do Rio Grande do Sul.

O autor deixa bem vivo em sua obra a admiração pela paisagem do pampa gaúcho e os animais que ali habitam, o que leva aos leitores a analisarem sua preocupação em deixar um legado referente ao seu estado.

Tendo sido criado em Pelotas, um município com forte presença de escravizados e significativa população negra no pós-abolição, seria de se esperar que Simões Lopes Neto incluísse personagens negros em sua ficção. Como exemplo disso, podemos citar que o autor traz nos contos e lendas narradas um episódio envolvendo o castigo do açoite, mesmo já vivendo em 1912 (data esta que foi publicado a obra “Os contos gauchescos”), onde a abolição da escravidão já

havia ocorrido no ano de 1888 através da Lei Áurea, que foi assinada pela princesa Isabel no dia 13 de maio daquele ano.

Porém, com o passar do tempo se obteve várias pesquisas onde busca focar mais o lado dos escravizados e suas lutas para conquistar a liberdade, assim como a ampla participação popular no movimento abolicionista que pressionou os parlamentares para a aprovação da Lei.

Com as leituras para este debate, pode ser observado que a luta pela abolição já havia começado muito antes do treze de maio e que a princesa Isabel estava sofrendo muita pressão política, no qual ela precisava de uma estratégia para conquistar o apoio da população, a assinatura da Lei Áurea não foi um ato apenas de bondade, mas sim de questões políticas.

Durante os contos gauchescos que mencionavam os negros, podemos evidenciar o claro o preconceito que havia na sociedade entre as relações entre pessoas negras e brancas, pois, tais relacionamentos não eram bem vistos. Dessa forma, não seria equivocado afirmar que as referências sociais da obra se amparam em concepções racistas da sociedade da época.

No entanto, podemos compreender que a literatura da época aqui descrita demonstra através dos seus personagens, que a sociedade relatada nos contos, tratava-se de uma cultura racista; a inferioridade do negro e a exploração eram situações que se acometiam significativamente naquela época, sem nenhum pudor. Logo, é possível compreender que através da literatura, possibilitamos uma importante fonte de estudo de uma época histórica, fortalecendo nosso conhecimento sobre esse assunto.

A luta em relação à desconstrução do racismo, e a proteção dos direitos de todos precisam ser contínuas, pois ao ler um conto, teremos proporção ainda maior sobre o preconceito racial. Porém, é através da literatura que podemos estar construindo e conhecendo mais sobre a nossa história. A sociedade da época era racista, logo, assim como hoje em dia a literatura é uma das maneiras de se buscar analisar essas representações do passado.

Acredita-se que literatura seja capaz de desenvolver o nosso senso crítico. Mesmo na leitura silenciosa, nós levantamos discussões mentais sobre um aspecto, enfrentamos dilemas morais, ampliamos nossos conhecimentos e opiniões sobre alguma situação ou tema. Por isso, a literatura de contos se torna imprescindível entre leitores e dentro do currículo didático de ensino e aprendizagem.

No entanto, precisa-se admitir que ainda somos uma sociedade racista e que será necessária muita luta para que haja uma desconstrução real dessa estrutura implantada sobre o racismo. A educação ocupa um lugar importante na propagação do racismo no Brasil. Rever os padrões adotados por modelos educacionais é um dos princípios de modificação e erradicação do racismo nos dias de hoje.

Referências

- AL-ALAM, C.C.; LIMA, A. G. Territórios Negros em Jaguarão. AL-ALAM, C.C.; ESCOBAR, G.V.; MUNARETTO, S. (Orgs.). **Clube 24 de Agosto (1918-2018): 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil- Uruguai**. 1. Ed. Porto Alegre: ILU, 2018.37-54p. Disponível em: http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/9encontro/textos/caiua_alalam.pdf Acesso em: 06 de junho de 2022
- ALBUQUERQUE, W.R. de. “A vala comum da ‘raça emancipada’”: Abolição e racialização no Brasil, breve comentário. **História Social**, n. 19, UNICAMP, 2010.
- ALONSO, A. O abolicionismo como movimento social. **Revista Novos Estudos**, p. 115-137, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/CrVbxyNKtm7vCZWxXgRz6qg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 de junho de 2022.
- ÁVILA, C. B.; RIBEIRO, A. M. B.; RIBEIRO, M. de F. B. Patrimônio Cultural e Políticas Culturais. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura E Sociedade**, v. 1, n. 02, 2015, 255-258p. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/58> Acesso em: 20 de maio de 2022.
- BAVARESCO, A.; BORGES, L. **História, resistência e projeto em Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: WS Editor, 2001.
- CHAVES, F. L. **Simões Lopes Neto: Regionalismo e Literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- CHIAPPINI, L. “Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão”. **Nonada: Letras em Revista**, vol. 2, n. 19, outubro, 2012,97-108p. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451673009.pdf> Acesso em: 10 de junho de 2022.
- CONCEIÇÃO, K. C. S. S. “A personagem feminina na obra de João Simões Lopes Neto: uma releitura do mito de Lilith” **Dissertação de Mestrado**- Universidade Federal do Rio Grande, 2007.
- DICIONÁRIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.
- DINIZ, C. F. S. “**João Simões Lopes Neto, uma biografia**”. Porto Alegre, RS: AGE/UCPEL, 2003.
- DOMINGUES, P. J. “A redempção de nossa raça”: as comemorações da abolição da escravatura no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 31, 2011, 19-48p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nLcLmkyPqsw9dYC3JZGJkng/abstract/?lang=pt> Acesso em: 14 de junho de 2022.

FARINATTI, L. A. Escravos do Pastoreio: Pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850). **Ciência e Ambiente** – UFSM, n. 33, jul-dez 2006. Santa Maria, 135-154p. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=zHWKZUsAAAAJ&hl=pt-BR> Acesso em: 26 de maio de 2022.

FRASSON, C. M. G. T. A influência da cultura gaúcha na Educação Infantil. **Monografia de Especialização em Gestão Educacional**. Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16229/TCCE_GE_2010_FRASSON_CARINE.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=O%20ga%C3%BAcho%20%C3%A9%20definido%20pela,do%20Sul%2C%20uma%20vida%20melhor. Acesso em: 25 de julho de 2022.

FREIRE, J. Família, Parentesco Espiritual e Estabilidade Familiar entre Cativos Pertencentes a Grandes Posses de Minas Gerais- Século XIX. **Universidade Estadual de Campinas**, 2012, p. 9-59. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/afro/a/YPpWyXq55jwyJRQXXyfstx/?lang=pt> Acesso em: 10 de junho de 2022.

GONÇALVES, M. C. A Princesa do Sul de Bernardo e Jerônimo: a Pelotas escravista a partir de crônicas e folhetins. **6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, 2013, p. 1-15. Disponível em: <https://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Mariana-Couto-Gon%C3%A7alves-texto.pdf> Acesso em: 14 de junho de 2022.

HAACK, M. C. **Maternidade e Escravidão: Disputas, Agências e Experiências**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2019, 1-13p. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565712073_ARQUIVO_ANPUH_MarinaCamiloHaack.pdf Acesso em: 20 de maio de 2022.

LIMA, H. E. Da escravidão à liberdade na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz; VIDAL, Joseane Zimmermann. **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2013, 197-224p. Disponível em: https://www.academia.edu/7222603/Da_escravid%C3%A3o_%C3%A0_liberdade_na_Ilha_de_Santa_Catarina Acesso em: 22 de maio de 2022.

LONER, B. A. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. **História em Revista (UFPel)**, Pelotas, v. 8, n.8, 2002, p. 37-68. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/11801> Acesso em: 25 de julho de 2022.

MAGALHÃES, E. K. C.; GIACOMINI, S. M. A escrava ama-de-leite: anjo ou demônio? In: BARROSO, Carmem; COSTA, Albertina de Oliveira (Org.). **Mulher, mulheres**. São Paulo: Cortez, 1983, 73-88p.

MAMIGONIAN, B. O tráfico ilegal como elemento central à História do Brasil Imperial: historiografia e caminhos da pesquisa. **9º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, Florianópolis, 2019, 1-16p. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/9o%20elbm%20cr.pdf> Acesso em: 22 de maio de 2022.

MARINGONI, G. O destino dos negros após abolição. **Revista IPEA**, ano. 8, Ed. 70. Publicado em 29/11/2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28 Acesso em: 25 de julho de 2022

NUNES, P. R. Lendas do Rio Grande do Sul: A literatura regional folclórica e a atualidade da tradição. **Dissertação em letras, cultura e regionalidade**. Programa de Pós Graduação em Letras, cultura e regionalidade. Universidade de Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/869/Dissertacao%20Paulo%20Ricardo%20Nunes.pdf?sequence=1> Acesso em: 25 de julho de 2022.

PEREIRA, L. A. B. João Simões Lopes Neto, o pensador social e a educação: breve estudo sobre a conferência Educação Cívica. **Tese (Doutorado em Educação)** - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014, 413f. Disponível em: <https://1library.co/document/qog3085z-joao-simoes-pensador-educacao-estudo-conferencia-educacao-civica.html> Acesso em: 10 de junho de 2022.

PINTO, A. F. M. **Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018.

PINTO, N. G. **As famílias escravas dos Rodrigues Barcellos: escravidão, liberdade, hierarquias sociais e mobilidade social na cidade de Pelotas, 1830/1888**. UFRGS, 2014, p. 1-23.

REGIONALISMO GAÚCHO. **Sociedade Sul Riograndense**. Regionalismo Gaúcho, 2022. Disponível em: <https://regionalismogaucho.weebly.com/1ordm-entidade-tradicionalista.html> Acesso em: 25 de julho de 2022.

REVERBEL, C. **Um Capitão da Guarda Nacional**. Porto Alegre: UCS/ Martins Livreiro, 1981.

SANTOS, J. M. C. M.; VARGAS, J. M.; REMEDI, J. M.R. Uma reunião de carreiras de cavalos: lazer, esporte e os paradoxos da modernidade no Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 45, set./dez. 2020, 682-704p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/fqxdwCBzGrSsHyrRHcYc8FL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 22 de maio de 2022.

SILVA, F. O. da. Associativismo Negro em Pelotas no Pós-abolição: membros dos Clubes Sociais Negros, Articulistas do A Alvorada e Militantes da Frente Negra Pelotense (1933-1937). **5º Encontro de Escravidão e Liberdade**, UFSC, 2013, p. 1-18. Disponível em:

<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/silva%20fernanda%20oliveira%20da.pdf> Acesso em: 05 de junho de 2022.

SLENES, R.; FARIAS, S. de C. Família Escrava e Trabalho. **Tempo. Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro, v.6, 1998, p. 37-42. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-4.pdf Acesso em: 20 de maio de 2022.

VARGAS, J. M. Os Barões do charque e suas fortunas. Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX). São Leopoldo: **Oikos**, 2016. Disponível em:

<https://cerlalc.org/rilvi/os-baroes-do-charque-e-suas-fortunas-um-estudo-sobre-as-elites-regionais-brasileiras-a-partir-de-uma-analise-dos-charqueadores-de-pelotas-rio-grande-do-sul-seculo-xix-1591/> Acesso em: 19 de junho de 2022.

ZALLA, J. A invenção de João Simões Lopes Neto. Literatura e memória histórica no Sul do Brasil. Vol. 1. **Tese de doutorado em História**. Programa de Pós Graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

https://professor.ufrgs.br/jocelitozalla/files/tese_jocelito_zalla_final_ufrj.pdf Acesso em: 25 de julho de 2022.